

PERCEPÇÕES DE MEDIADORES EM UM CURSO DE EXTENSÃO: ANÁLISE INICIAL À LUZ DA TEORIA FUNDAMENTADA NOS DADOS

Mediators' perceptions in an extension course: initial analysis in the light of grounded theory

Daniela Cristina Lopes Rejan

danielarejan@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-1801-8041>
Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil.

Mariana Aparecida Bologna Soares de Andrade

mariana.bologna@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-1945-4606>
Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil.

Recebido em: 05/04/2022

Aceito em: 10/08/2022

Resumo

Espaços não formais de ensino são locais extraescolares nos quais existe intencionalidade e produção de conhecimento científico. Atividades nestes espaços são realizadas muitas vezes pelas ações de mediadores, este elo importante entre os visitantes e os conhecimentos ali construídos. Ao analisar esta relação, faz-se ainda mais importante a formação dos monitores para estes espaços. Este estudo insere-se no cenário de um projeto de extensão, com atividades para alunos da educação básica, realizadas por alunos de graduação e pós-graduação. Com objetivo de compreender as demandas e percepções dos mediadores, esta pesquisa analisou aspectos da motivação, da mediação e do trabalho dos mediadores, à luz da Teoria Fundamentada nos Dados (TFD). A coleta de dados foi realizada através de questionário eletrônico e as etapas de codificação permitiram inferências com objetivo de responder os questionamentos motivadores desta pesquisa: o que motivou estes mediadores a participarem do projeto? Quais suas impressões sobre mediação e sobre seu papel nas atividades? Os resultados possibilitaram a elaboração de uma hipótese a respeito dos temas abordados, justificando o desenvolvimento de uma oficina de formação de mediadores, voltada à compreender as particularidades da função de mediador e também de seu papel nas atividades propostas pelo projeto.

Palavras-chave: Espaços não formais; Formação de mediadores; Teoria Fundamentada.

Abstract

Non-formal teaching spaces are out-of-school places where there is intentionality and production of scientific knowledge. Activities in these spaces are often carried out by the actions of mediators, this important link between visitors and the knowledge built there. When analyzing this relationship, the training of monitors for these spaces becomes even more important. This study is part of an extension project, with activities for basic education students, carried out by undergraduate and graduate students. In order to understand the demands and perceptions of mediators, this research analyzed aspects of motivation, mediation and work of mediators, in the light of Grounded Theory (GT). Data collection was carried out through an electronic questionnaire and the coding steps allowed inferences in order to answer the motivating questions of this research: what motivated these mediators to participate in the project? What are your impressions of mediation and its role in the activities? The results made it possible to elaborate a hypothesis about the topics addressed, justifying it to support the development of a training workshop for mediators, aimed at understanding the particularities of the mediator's role and also its role in the activities proposed by the project.

Keywords: Non-formal spaces; Training of mediators; Grounded Theory.

INTRODUÇÃO

Os espaços não formais de ensino são espaços extraescolares, nos quais há intencionalidade pedagógica, produção de informação e conhecimento científico, incentivando o interesse dos participantes de ações educativas pelos assuntos vistos em sala de aula (Cazelli, 2005; Jacobussi, 2008; Marandino, 2009).

Para ser considerado um espaço não-formal de ensino, o espaço deve estar fora do ambiente escolar, oferecendo ações educativas e aprendizado, diferindo das escolas que possuem normativas rígidas por atividades pré-determinadas por currículos e diretrizes. A ideia consiste em reiterar que a produção de conhecimento não se faz apenas na escola, ou em ambientes formais.

São exemplos de espaços não-formais: museus, parques ecológicos, jardins botânicos, aquários, zoológicos e institutos de pesquisa. Nesses espaços, a presença dos monitores já é algo consolidado, segundo a literatura, sendo um personagem significativo para a organização e realização das atividades, podendo receber outros nomes como guias, facilitadores, instrutores, explicadores, mediadores, entre outros (Jacobussi, 2008; Massarani, 2007; Silva & Oliveira, 2011).

O desenvolvimento de atividades de educação não formal é proporcionado, em muito desses espaços, pelas ações do monitor porque este se torna um elo significativo entre as atividades, os alunos participantes e a construção de conhecimento. Quando consideramos esta relação, a formação dos monitores torna-se uma necessidade importante para o desenvolvimento das atividades nesses espaços. Pesquisas indicam que a formação deve priorizar tanto a dimensão científica como a dimensão pedagógica, além da valorização da dimensão prática como parte importante do processo formativo de monitores para museus e outros espaços (Silva, 2009).

Neste sentido, este estudo está inserido no contexto de um projeto de extensão, com atividades voltadas para estudantes da Educação Básica, organizadas por alunos de graduação e pós-graduação que atuam como mediadores no projeto. O projeto iniciou-se por meio de uma iniciativa do Governo Federal com fomento proveniente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 2001, e que tinha por objetivo contribuir com projetos para a melhoria da Educação Básica integrando-a com a Educação Superior. A iniciativa federal foi descontinuada e, após o término da vigência dos editais de fomento, o presente projeto, por já apresentar uma estrutura consolidada, continuou com suas atividades, sendo fomentado, também por um tempo, pelo governo do estado do Paraná.

Há 11 anos o projeto recebe alunos no ambiente universitário e realiza atividades extracurriculares, oficinas para o Ensino de Ciências Naturais, para professores e alunos da Educação Básica. Estas oficinas são caracterizadas por uma programação de atividades teórico-práticas, com foco na construção do conhecimento sobre temas diversos, selecionados ano após ano de acordo com a percepção dos monitores. As atividades envolvem experimentos científicos, dinâmicas, jogos, teatros e outras atividades lúdicas, diferindo do repertório construído em um ambiente escolar.

O que motivou o desenvolvimento desta pesquisa foi o fato de que, ao longo dos anos, os pesquisadores que coordenam o projeto identificaram a necessidade da realização de um curso de formação de monitores. Para o desenvolvimento das atividades de formação, pensou-se inicialmente em compreender a percepção dos mediadores que já trabalham no projeto com relação a aspectos que envolvem o desenvolvimento das atividades.

Para compreender as demandas e ideias dos mediadores inseridos neste projeto, a investigação aqui realizada visa analisar aspectos da motivação, da mediação e do trabalho do mediador nas oficinas do projeto por meio da Teoria Fundamentada dos Dados (TFD), sob a perspectiva de Strauss e Corbin (2008). A coleta de dados deste artigo ocorreu antes da elaboração do curso de formação com o objetivo de evidenciar o conhecimento do grupo de mediadores, o que possibilitou a elaboração

de uma hipótese a respeito dos temas abordados para subsidiar a elaboração da oficina de formação de mediadores.

Da mediação à formação de mediadores: a consolidação de espaços não formais de ensino

Como assinala Molon (1995), a mediação constitui-se em um pressuposto direcionador do arcabouço teórico-metodológico proposto por Vygotsky. O termo mediação entrou para o dicionário de língua portuguesa em 1670, sendo compreendido como o ato (ou efeito) de mediar, servir de intermediário entre indivíduos, grupos, partidos, a fim de dissipar divergências ou disputas; é o processo pelo qual o pensamento generaliza os dados apreendidos pelos sentidos (Meier & Garcia, 2011).

Vygotsky (1987), afirmando que o fato central da ciência psicológica é o fato da mediação, assinala que o objeto da psicologia e da psicologia social é o fenômeno psicológico e que este só existe pelas mediações, isto é, o fenômeno psicológico é mediado e não imediado. Molon (1995) afirma que procurar a definição do conceito de mediação nas obras de Vygotsky é uma tarefa bastante difícil, visto que não se trata de um conceito, mas de um pressuposto orientador-norteador de todo o seu arcabouço teórico e metodológico.

Davallon (2007) define mediação como a existência de um elemento intermediário entre dois outros, cuja ação provoca algum efeito sobre estes. Ou seja, mediação não pode ser tratada apenas como transmissão de uma mensagem, de um conteúdo, mas deve implicar em transformação (Barros; Langhi & Marandino, 2018; Gomes & Cazelli, 2016).

Podemos compreender que, no contexto dos museus e espaços não formais, a mediação serve como facilitador na relação do público com o espaço e as atividades ali desenvolvidas, permitindo que o público se aproprie do que observa, gerando novos significados, de acordo com sua interpretação e subjetividade (Gomes, 2013).

Sendo assim, há um personagem fundamental para que a mediação seja realizada de forma efetiva, o monitor, aqui chamado de mediador. Em um espaço não-formal, geralmente é o mediador o responsável pela elaboração e apresentação das exposições, instruções, e também por guiar visitas no caso dos museus, por exemplo. Em alguns casos, a ausência do mediador em uma visita prejudica o aprendizado dos visitantes, pois ele é o elo entre o conteúdo e os alunos ali presentes, fazendo com que seu papel na construção do conhecimento seja mais efetivo.

As formas de ação de um monitor variam de acordo com as atividades realizadas e o espaço em que estão inseridos. Além da mediação, podem ser desenvolvidas exposições, materiais para empréstimos, jogos, organização de oficinas, palestras, materiais em vídeo, trilhas, entre outros (Silva & Oliveira, 2011).

Carlétti (2015) afirma não ser tarefa simples desempenhar a função de mediador em espaços científico-culturais, por conta dos diversos papéis a serem desempenhados. Para atuar como mediador, é importante que haja a devida capacitação “pois, por ser uma atividade com características particulares, muitos ainda não conhecem ou sabem como mediar uma exposição científica”. A mediação exige conhecimento científico e confiança para desafiar os alunos e auxiliá-los no processo de construção de conhecimento, e também exige que o mediador esteja atento às opiniões, dúvidas e comentários dos alunos, para que inclua estes conhecimentos prévios em sua prática (Carlétti, 2015; Costa, 2005).

Para a boa execução de suas atividades, é necessário que o monitor/mediador conheça aspectos humanos e sociais da ciência, e como a ciência se reflete no cotidiano dos alunos, e não somente os conteúdos científicos. Deve ser capaz de trazer explicações corretas, claras, dosando os

conteúdos e estimulando a curiosidade dos estudantes, conduzindo um ambiente de diálogo e reflexão. Para Matsuura, “o bom mediador é aquele que não age burocraticamente, que evita atitudes professorais e se coloca no nível do público para poder dialogar com ele e, de forma interativa, construir o conhecimento” (Matsuura, 2007, p. 78). Também é conveniente que o mediador evite a postura de professor como tradicionalmente conhecemos, preocupado com a exposição de um conteúdo previamente definido, e evite transformar sua atividade em uma aula expositiva (Silva & Oliveira, 2011).

Os mediadores do campo estudado, sujeitos desta pesquisa, devem reunir muitas dessas características mencionadas pela literatura pois, além de serem responsáveis pelo ensino do grupo de alunos participantes do projeto, também são responsáveis pela organização, elaboração e desenvolvimento das atividades, utilizando todos os recursos elaborados na mediação entre o conteúdo ministrado e o conhecimento que será construído pelos alunos. Essa relação de mediação torna o papel do mediador ainda mais importante nestas ações educativas, pois seu trabalho poderá oportunizar várias experiências aos estudantes, que construirão seus significados durante sua participação. Isto faz crescer a importância de sua formação direcionada para as atividades de mediação nos espaços não formais.

A formação de mediadores tem sido um tema amplamente explorado nas pesquisas sobre as práticas educativas nos museus de ciências, locais onde a mediação humana é amplamente utilizada. Atividades educativas em espaços não formais geralmente são otimizadas quando os mediadores se tornam o centro dos processos educativos e de comunicação com os visitantes (Bizerra & Marandino, 2011).

Gomes (2016), analisou o programa de formação dos monitores da Estação Ciência (USP) que, em 2007, passou por uma reestruturação que colocou o monitor no lugar de pesquisador e estimulador. Esta formação possuía como objetivos: orientar os alunos nas atividades de monitoria, apresentar todas as esferas do trabalho desenvolvido no espaço, discutir a especificidade do ensino não formal, sua importância para o ensino formal e formação cidadã. O autor concluiu que as iniciativas de formação apoiam a concepção do monitor como um pesquisador atuante no espaço museal.

Brito (2008), ao analisar a formação da Casa da Ciência (UFRJ) enfatiza pontos relevantes para a formação dos mediadores, além de listar quais os saberes o mediador deve dominar para o desenvolvimento de suas atividades. Segundo a autora, para exercer a função de mediador, é necessário possuir habilidades para trabalho em grupo, a abertura para aprendizados diversos, o desenvolvimento da consciência de suas limitações quando se trata de informações científicas, a fim de evitar obstáculos epistemológicos e o aprimoramento da capacidade de se comunicar com diversos públicos, adaptando a linguagem de acordo com as perspectivas encontradas.

Reiterando as experiências da mediação e a necessidade da elaboração do curso de formação de mediadores, o percurso metodológico do presente trabalho embasou-se na Teoria Fundamentada (Strauss e Corbin, 2008), pois gera pressupostos teóricos para explicar ações em um contexto estudado, sendo caracterizada como uma pesquisa qualitativa por tratar da subjetividade dos indivíduos em um processo de formação, como demonstrado ao longo do trabalho. Assim, optou-se pela utilização desta metodologia pelo fato de o conhecimento surgir a partir da análise dos dados e não de uma visão teórica pré-existente.

A Teoria Fundamentada como caminho metodológico

A Teoria Fundamentada nos Dados (TFD) (Strauss e Corbinm 2008) é um método de investigação qualitativa que tem por objetivo criar uma teoria baseada na análise de um fenômeno,

desvelado pela coleta e análise simultânea dos dados. Ao longo do século XX e XXI, as perspectivas da TFD foram evoluindo, e desdobrando-se em vertentes distintas: clássica, relativista (ou straussiana) e construtivista.

Na vertente clássica, Glaser (1978) defendia o pesquisador livre de preconceitos, dando ênfase à identificação de padrões comportamentais. Para o autor, o pesquisador deve delimitar o contexto, e ir à campo sem uma questão de pesquisa definida, permitindo que o fenômeno seja fiel ao cenário em que estão inseridos os sujeitos. A vertente relativista, ou straussiana, representada principalmente por Anselm Strauss e Juliet Corbin (2008), defende que o pesquisador atue ativamente na interpretação dos dados, podendo ter algum conhecimento sobre o cenário analisado. Já na vertente construtivista, proposta por Kathy Charmaz, o pesquisador participa do processo de construção dos dados. Charmaz também defende o uso de gerúndios na codificação, pela sensação de ação e consequência aos dados, permitindo que o pesquisador inicie sua análise da perspectiva do sujeito inserido no campo investigado. Diferente da vertente clássica, as outras duas defendem que o pesquisador tenha contato com a literatura durante o percurso metodológico, de forma cautelosa, para que a literatura não interfira entre os dados e o pesquisador (Koerich et al, 2018, p. 2).

Segundo Cassiani et al (1996), a Teoria Fundamentada nos Dados (TFD) é uma abordagem que constrói indutivamente, e através da análise qualitativa, uma teoria baseada nos dados e que, relacionada a outras teorias, pode trazer novos conhecimentos à área estudada, visto que o pesquisador procura processos que estão acontecendo no campo, partindo de hipóteses que podem explicar o fenômeno, e, segundo Strauss & Corbin (1998), todos os procedimentos objetivam identificar, desenvolver e relacionar conceitos.

Como destacam Strauss & Corbin (2008), esta teoria tende a aproximar-se mais da realidade e apresenta maior entendimento sobre o contexto estudado baseado na interpretação dos dados e não apenas na percepção de quem vivencia certa realidade.

Para Koerich et al, a TFD é “um método de investigação qualitativa que busca a criação de uma teoria baseada/fundamentada no desenvolvimento de um fenômeno, desvelado pela coleta e análise simultânea dos dados”. Ainda segundo os autores, é uma metodologia utilizada na compreensão de experiências e os significados que os sujeitos vivenciaram em um determinado cenário (Koerich et al, 2018, p. 2).

Portanto, é uma abordagem metodológica de pesquisa qualitativa voltada a conhecer a realidade a partir do conhecimento, da percepção ou o significado que um determinado fenômeno tem para o sujeito em um certo contexto, e como as pessoas mudam ou se adaptam a ele. Nela, as proposições teóricas surgem a partir dos dados, ou seja, os dados são sistematicamente coletados e analisados, com o objetivo de descobrir teorias, conceitos e hipóteses, baseados na coleta de dados, ao invés de fazer uso de hipóteses pré-determinadas (Goulding, 2001; Moreira & Dupas, 2003).

A TFD gera o entendimento de um fenômeno a partir da compreensão das ações de indivíduos e/ou grupos em um determinado contexto. Sua utilização é indicada, principalmente, quando o tópico de interesse não foi previamente estudado, ou a produção científica sobre ele é escassa.

Para Silva e Kalhil (2017), uma definição básica e simples de teoria talvez não demonstre o quão detalhado é o procedimento de análise e a riqueza do resultado obtido com este tipo de pesquisa, sendo necessário compreender o que Glaser e Strauss (1967) entendiam por teorias. Os pesquisadores defendiam a existência de dois tipos de teorias, formais e substantivas

As teorias formais são as chamadas grandes teorias, conceituais e abrangentes. Já as substantivas são conhecidas por serem simples e acessíveis, explicando situações do cotidiano, sendo esta o resultado da análise da TFD (Silva & Kalhil, 2017).

Huntchinson (1988 *apud* Silva & Kalhil, 2017) afirma que Glaser e Strauss acreditavam no uso da Teoria Fundamentada para a elaboração de teorias substantivas “que, ao contrário das grandes teorias formais, explicariam melhor as áreas específicas da pesquisa empírica já que essas teorias nasceriam diretamente de dados do mundo real” (Silva & Kalhil, 2017, p. 129).

Strauss & Corbin (1998) afirmam que todos os procedimentos da Teoria Fundamentada nos dados têm o objetivo de identificar, desenvolver e relacionar conceitos. As etapas que compõem a teoria fundamentada, além da coleta de dados, são os procedimentos de codificação (aberta, axial e seletiva) e a delimitação da teoria substantiva, como mostra a figura abaixo:

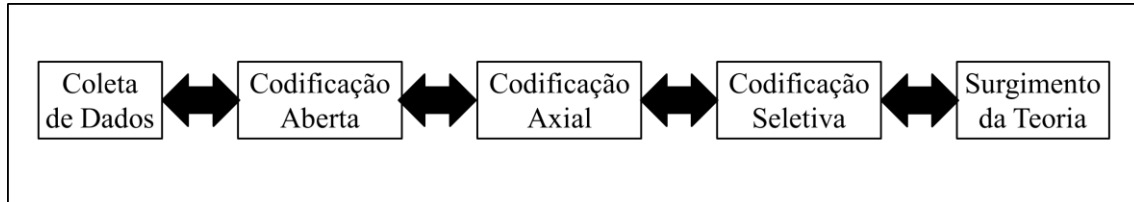


Figura 1. Etapas que compõem a Teoria Fundamentada segundo Strauss e Corbin, (1998). Fonte: Autoria própria.

A codificação é o processo através do qual os dados são divididos, conceituados, relacionados, e designados em categorias. Segundo Glaser (1978), a codificação substantiva dos dados é feita pelas codificações aberta e seletiva, e a codificação teórica é realizada através da codificação axial.

A codificação aberta é o primeiro nível de abstração, e é o momento no qual os dados são organizados e se abrem para todos os lados possíveis, e o processo de comparação se inicia. Os dados são codificados, comparados com outros e alocados em tantas categorias quanto forem possíveis. A literatura sugere que seja feita uma análise linha a linha, frase a frase ou parágrafo por parágrafo, sempre interrompendo a codificação para tomar nota, formando o memorando. O memorando é um elemento importante na elaboração da teoria, porque é uma forma de registro do processo de codificação, que pode ser consultado a qualquer momento. Nele podem conter notas teóricas, metodológicas e, também, da codificação.

A codificação axial é a etapa na qual os códigos elencados na etapa anterior são agrupados em categorias. O objetivo desta etapa é reunir os dados, auxiliando o pesquisador a integrar as categorias e elaborar conexões entre categorias e subcategorias. Já a codificação seletiva tem por objetivo o surgimento da variável central e da integração das categorias. A categoria central surge no final da análise, formando o tema central que une todas as categorias. Esse procedimento leva o pesquisador a elaborar uma teoria substantiva, objeto da análise.

A escolha da TF para análise dos dados dessa pesquisa se deu porque, segundo a literatura acima, auxilia na compreensão de experiências e significados vivenciados pelos sujeitos no cenário de coleta (Koerich et al, 2018) e, também, pela forma como a coleta se deu, sem planejamento prévio, devido à periodicidade do Projeto Novos Talentos.

Tendo em vista a importância do mediador e de sua formação para as ações educativas surgiram questionamentos que motivaram esta pesquisa, como: o que motivou estes mediadores a participarem do projeto? Quais suas impressões sobre mediação e sobre seu papel nas atividades? Nesse sentido, esta pesquisa teve por objetivo analisar as percepções iniciais dos mediadores atuantes no Projeto Novos Talentos, referentes à mediação, ao seu papel como monitor e a formação como mediador.

METODOLOGIA

Neste trabalho, optamos pela abordagem qualitativa, cujo significado consiste na pesquisa que produz resultados não provenientes de procedimentos estatísticos, mas refere-se ao estudo sobre a vida do indivíduo, experiências de vida, comportamentos e emoções (Strauss & Corbin, 1998).

A pesquisa envolveu uma análise inicial das percepções dos mediadores que atuam em um projeto de extensão com atividades de educação não formal, ofertado há 10 anos por uma Universidade Pública do Estado do Paraná. A coleta de dados foi realizada com um grupo composto por 33 estudantes de graduação e pós-graduação dos cursos dos Centros de Ciências Agrárias, Biológicas, Exatas e da Saúde. No primeiro momento da coleta, objeto de estudo deste artigo, convidamos os sujeitos a responder um questionário eletrônico (via *Google Forms*), com 8 questões referentes às suas impressões iniciais acerca de mediação e do trabalho que foi executado durante as atividades dos anos anteriores, considerando que parte dos monitores já havia trabalhado nas atividades do projeto nos anos anteriores. Para esta pesquisa, foram analisadas 6 questões, que dizem respeito aos aspectos motivacionais, ao trabalho do mediador, à formação e à mediação.

Os dados foram analisados à luz da Teoria Fundamentada nos Dados na qual, como já mencionado, as proposições teóricas surgem a partir dos dados. A codificação é a forma de definirmos do que se trata os dados da análise. Esta etapa envolveu a organização, a identificação dos registros que foram coletados. O primeiro passo foi a organização dos dados em tabelas, de acordo com as perguntas do questionário, ou seja, são 6 agrupamentos, contendo 33 transcrições cada (uma por sujeito), totalizando 198 trechos. Neste momento os 33 sujeitos também foram identificados, recebendo uma letra e um número.

A partir da organização dos dados, teve início a fase de codificação. Na primeira etapa de codificação, denominada codificação axial, os dados foram analisados linha a linha, até esgotarem-se as direções possíveis. Na etapa seguinte, denominada codificação seletiva, os códigos que emergiram na codificação axial foram agrupados por suas semelhanças, formando as categorias, como demonstra o recorte no quadro abaixo.

Pergunta 1: O que motivou você a participar do Projeto Novos Talentos?			
Sujeito	O que motivou você a participar do Projeto Novos Talentos?	Códigos (Codificação Axial)	Categorias (Codificação Seletiva)
S1	<i>A motivação para participar do projeto foi entender a sua grande importância para os alunos, e, também meu crescimento pessoal e profissional.</i>	Entendendo a importância da ação Crescendo pessoalmente Crescendo profissionalmente	Crescimento pessoal/profissional
S2	<i>Para mim é uma forma de me comunicar diretamente com a comunidade, trocar conhecimentos e experiências. Acredito também que atuar fora das 4 paredes da sala de aula da universidade, me trará uma experiência incrível.</i>	Forma de comunicação Comunicando com a comunidade Compartilhando conhecimentos Compartilhando experiências Atuando fora Ganhando experiência	Transmitir/compartilhar conhecimentos/experiências
S3	<i>Eu sempre gostei da ideia de dar aula, transmitir meu conhecimento de alguma maneira, e o projeto é uma oportunidade que eu encontrei</i>	Dando aula Transmitindo conhecimento Encontrando oportunidade	Transmitir/compartilhar conhecimentos/experiências

Figura 2. Recorte do processo de codificação dos dados. Fonte: Autoria própria.

A análise destas categorias será apresentada a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão apresentados os resultados da análise dos dados coletados no questionário citado acima. Cada tópico, denominado Agrupamento, corresponde a uma pergunta do instrumento de coleta utilizado, contendo o número de registros e exemplos fornecidos pelos sujeitos, que foram codificados utilizando a letra S e um número (ex. S1, S2). Como já mencionado, o material coletado foi analisado à luz da Teoria Fundamentada nos Dados, e os resultados serão discutidos a seguir.

Agrupamento 1

Com a pergunta “O que motivou você a participar do Projeto Novos Talentos?”, buscamos compreender qual a motivação dos sujeitos para participarem como mediadores do projeto. A codificação axial permitiu a elaboração de inúmeros códigos e, a partir deles, emergiram seis categorias. O quadro abaixo apresenta exemplos de respostas alocadas em cada categoria.

Quadro 1. Agrupamento 1, referente à pergunta: O que motivou você a participar do Projeto Novos Talentos?

Categorias	Nº Registros e Exemplos
Amigos	3 registros
	Quando ocorreu a seleção para o ano passado não consegui participar, e em conversas com amigos elas me passaram ser uma experiência incrível para a formação acadêmica. (S18)
Crescimento pessoal e/ou profissional	8 registros
	A motivação para participar do projeto foi entender a sua grande importância para os alunos, e, também meu crescimento pessoal e profissional. (S1)
Interesse pela proposta do projeto	5 registros
	Além do relato de experiência de amigos, procurei participar do projeto a fim de, por meio dele, interagir com alunos dos demais cursos, obter conhecimento sobre o funcionamento de um projeto de extensão e poder ajudar no desenvolvimento deste. (S24)
Participação anterior como aluno	7 registros
	Já ter participado antes como aluna me fez querer também participar como mediadora. Além disso, o projeto ser voltado pra escolas públicas é algo que me chama atenção. (S30)
Retribuir o que foi construído na graduação	2 registros
	Retribuir um pouco dos conhecimentos e oportunidades vivenciados na universidade. (S5)

Transmitir conhecimentos e/ou experiências	7 registros
	A oportunidade de trocar conhecimentos com estudantes do ensino básico, sobre um tema que me interessa bastante (educação ambiental). (S10)

Fonte: Autoria própria.

As três maiores categorias evidenciam aspectos motivacionais muito diferentes. Na maior categoria, os sujeitos afirmam estar em busca de crescimento profissional e pessoal, o que demonstra os efeitos de uma atividade como esta na vida do mediador, desenvolvendo habilidades necessárias na sua formação profissional. Na segunda maior categoria (7 registros), os mediadores afirmam terem sido motivados a participar do Projeto por suas participações enquanto eram alunos da Educação Básica. Ou seja, enquanto participantes, foram impactados positivamente pelas ações do projeto, motivados a adentrar o ambiente universitário e voltaram ao projeto, como mediadores. Já a terceira maior categoria demonstra um aspecto considerado que ressalta um cuidado a ser considerado em relação ao papel dos mediadores, porque os respondentes (7 registros) afirmam que sua motivação foi transmitir conhecimento, demonstrando uma visão equivocada da função considerando que, no processo de aprendizagem, o mediador fornece os conteúdos programados e a construção do conhecimento é um processo dos participantes.

Estes resultados demonstraram que a maioria dos mediadores busca a extensão universitária para desenvolver habilidades pessoais e profissionais. Também demonstram que o projeto deixa boas sementes nos alunos que por ele passam, visto que alguns são motivados a entrarem na Universidade e retornarem ao Projeto como mediadores. Há também a motivação de transmitir conhecimentos e experiências, demonstrando que alguns mediadores ainda têm uma visão do conhecimento não como um processo, ponto importante a ser considerado para a formação.

Agrupamento 2

Neste agrupamento, utilizamos a pergunta “O que você espera realizar como mediador do Projeto?” e esperávamos obter as atividades que os sujeitos pretendiam realizar enquanto mediadores. A codificação permitiu a elaboração de muitos códigos, dos quais emergiram 9 categorias. O quadro a seguir apresenta exemplos de respostas.

Quadro 2. Agrupamento 2, referente à pergunta: O que você espera realizar como mediador do Projeto?

Categorias	Nº Registros e Exemplos
Abordar conteúdos de forma acessível	2 registros
	Poder levar os conteúdos abordados nas oficinas para os alunos de maneira clara, em uma linguagem que eles entendam e gostem do que estão ouvindo. (S13)
Ajudar a aprender	2 registros
	Ser um facilitador no processo de aprendizagem dos alunos em temáticas pertinentes às suas vidas (S28)
	7 registros

Construir/compartilhar conhecimentos e/ou informações	Espero conseguir compartilhar da melhor forma um pouco dos meus conhecimentos e experiências, e também receber novos conhecimentos, procurando sempre atuar da melhor maneira. (S8)
Contribuir no desenvolvimento do projeto	2 registros
	Espero contribuir com ideias para a realização de atividades e ter proatividade. Acredito que um projeto de extensão tem como objetivo desenvolver medidas de intervenção, e vejo que o mediador é parte integrante durante a realização destas, assim, espero ser parte integrante desse projeto também. (S15)
Criar vínculos	1 registro
	Acredito que além de elaborar atividades que desenvolveremos com os estudantes, conseguiremos criar vínculos com esses estudantes, tendo espaços de conversas e trocas. (S32)
Desenvolver habilidades	5 registros
	Aprender novos métodos de abordagem, desenvolver novas habilidades e mostrar aos participantes que eles podem e devem cursar uma universidade pública. (S26)
Ensinar de forma lúdica	7 registros
	Desenvolver atividades relacionadas à temática da oficina que participo que proporcionem conhecimento aos alunos de maneira não formal, como brincadeiras e gincanas nas quais os temas sejam aprendidos. (S24)
Motivar os alunos	2 registros
	Incentivar, motivar e ajudar os alunos inscritos. (S5)
Trocar experiências	1 registro
	Aprender com as crianças, assim como ensiná-los da maneira mais acessível, trocando experiências e conhecimentos. (S11)

Fonte: Autoria própria.

Os resultados evidenciam que a maior parte dos sujeitos pretendia construir/compartilhar conhecimentos e/ou informações, em concordância com a literatura que afirma ser papel do mediador participar da construção do conhecimento através das atividades mediadas. O segundo maior grupo pretendia ensinar de forma lúdica, o que também está de acordo com as funções dos mediadores descritas por Matsuura (2007), quando inclui nas funções a capacidade de estimular a curiosidade e o espírito lúdico dos estudantes.

As categorias de menores valores de registro também se relacionam com as funções de um mediador descritas na literatura, quando, por exemplo, os sujeitos afirmam o desejo de contribuir para o desenvolvimento do projeto. A literatura afirma que o mediador é também o responsável pela

elaboração de material didático, de exposições e pela realização de palestras e oficinas (Silva & Oliveira, 2011).

Estes resultados corroboram, em sua maioria, com Silva & Oliveira (2011), quando tratam das maneiras de agir de um mediador, mas ainda distanciam-se do que Matsuura (2007) afirma ser necessário para que o mediador cumpra bem suas funções.

Agrupamento 3

Com a pergunta “Na sua opinião, o que é mediação?” buscamos obter as percepções iniciais dos mediadores a respeito do que é mediação. A codificação nos permitiu a elaboração de muitos códigos, dos quais emergiram 8 categorias. O quadro abaixo apresenta exemplos de respostas coletadas.

Quadro 3. Agrupamento 3, referente à pergunta: Na sua opinião, o que é mediação?

Categorias	Nº Registros e Exemplos
Auxiliar na aprendizagem	2 registros
	Mediação é auxiliar os alunos do projeto com o conhecimento que procuram obter nas oficinas, não só explicando a eles, mas ouvindo seus pontos de vista e seus conhecimentos prévios para, a partir deles, aprimorarem e construir novos saberes. (S24)
Expor conhecimento	1 registro
	Na minha opinião mediação é você poder expor seu conhecimento para o próximo. (S6)
Facilitar a comunicação/interação	5 registros
	A mediação é uma forma de facilitar a comunicação e realizar isto da melhor forma possível e em um breve período de tempo. (S2)
Intermediar atividades	3 registros
	É atuar como um intermediário, buscando agir de maneira coerente com as propostas em questão. (S5)
Intermediar troca de conhecimento	6 registros
	É algo como intermediar uma informação, um conteúdo. Realizando uma troca de conhecimento. (S11)
Intervenção com objetivo de auxiliar	2 registros
	Mediação é uma intervenção voluntária na qual, o indivíduo capacitado sobre um tema, atue como mediador, se propondo a auxiliar determinado grupo de pessoas. (S1)

Ser ponte	8 registros
	Acredito que seja uma ponte de conhecimento e saberes. (S3)
Transmitir conteúdo	1 registro
	É transmitir um determinado conteúdo de uma outra forma, uma adaptação do que o professor trás em sala. (S13)

Fonte: Autoria própria.

Quando questionados sobre o que seria mediação, os sujeitos demonstraram estar próximos de algumas características necessárias ao mediador, mas um pouco distantes da ideia de mediação defendida neste trabalho. Na maior categoria, os sujeitos afirmaram que mediação é ser uma ponte entre o conhecimento e o estudante. Sabe-se que a construção de conhecimento é um processo particular de cada estudante, e, segundo autores já citados, a mediação, quando realizada deve resultar em transformação naquele que é mediado, e não somente ser a transmissão de um conteúdo (Barros, Langhi & Marandino, 2018; Gomes & Cazelli, 2016).

Na segunda maior categoria, os sujeitos colocaram mediação como intermediar a troca de conhecimento, também corroborando com a literatura, que afirma ser papel do mediador ser um intermediário, o mediador entre a exposição e os alunos (Ferreira, et al, 2008).

A terceira maior categoria trata mediação como um facilitador na comunicação, corroborando com a literatura quando afirma que a mediação serve como um facilitador na relação do público com o espaço, e, através da comunicação, gerando novos significados de acordo com a interpretação dos visitantes (Gomes, 2013). As categorias subsequentes colocam a mediação como uma ferramenta intermediária de auxílio na aprendizagem e de exposição de conteúdos.

Agrupamento 4

Neste agrupamento buscamos obter as percepções iniciais dos mediadores a respeito da função como mediador, utilizando da pergunta: “Na sua opinião, qual o papel ou função(ões) dos mediadores?”. A codificação nos permitiu a elaboração de muitos códigos, a partir dos quais emergiram 9 categorias. A seguir o quadro apresenta exemplos de respostas.

Quadro 4. Agrupamento 4, referente à pergunta: Na sua opinião, qual o papel ou função(ões) dos mediadores?

Categorias	Nº Registros e Exemplos
Ajudar	1 registro
	Escutar, ajudar e ser prestativo. (S5)
Auxiliar na aprendizagem	10 registros
	O mediador tem a função de auxiliar o aluno na busca pelo conhecimento. Dar suporte teórico-prático, para que consiga se desenvolver de maneira autônoma. (S10)
Criar vínculo	2 registros

	Criar métodos de aproximação que façam os alunos se envolverem na atividade e criar um vínculo para que haja uma real aprendizagem para ambos mediadores e alunos. (S26)
Estar capacitado para a atividade	1 registro
	Os mediadores devem estar capacitados sobre o tema o qual foi denominado, de modo a saber transmiti-lo aos alunos de forma eficiente e dinâmica. Além da elaboração de atividades criativas que permitam o entretenimento e o saber. (S1)
Facilitador	4 registros
	Facilitar a comunicação . (S12)
Motivador	1 registro
	Motivar, influenciar, inspirar, orientar, incentivar. (S14)
Resolver conflito	1 registro
	A função dos mediadores é prevenir e solucionar qualquer tipo de conflito, buscando sempre um acordo de ambas as partes, e que haja uma resolução que possa beneficiar a todos. (S2)
Ser uma ponte	2 registros
	Seria atuar diretamente com os alunos, fazendo uma "ponte" entre o ensino e eles. (S7)
Transmitir conhecimento	9 registros
	Passar o conhecimento adquirido, ensinando ou explicando. (S16)

Fonte: Autoria própria.

Mesmo ainda distantes do papel e das funções do mediador quando se trata dos saberes, no geral, as duas maiores categorias evidenciam o papel do mediador como um auxiliador na construção de conhecimento dos participantes do Projeto, corroborando com a literatura que afirma ser função do mediador trazer seu diálogo para a realidade vivenciada pelo aluno, colocando-se no nível do público, a fim de dialogar com ele e, através das interações, auxiliá-los a construir o conhecimento (Matsuura, 2007).

Entretanto, a segunda maior categoria evidencia novamente um dado negativo, pois os sujeitos agrupados nesta categoria afirmam ser função do mediador a transmissão de conhecimentos. Esta percepção pode estar relacionada com uma visão equivocada do conhecimento ser pronto e acabado, e não um processo de construção do aluno.

Agrupamento 5

Composta por duas partes, “Você acha que uma oficina de formação será importante na sua atuação como mediador? Justifique sua resposta”, a pergunta deste agrupamento exigia dos sujeitos uma justificativa nas respostas. Para a primeira parte todas as respostas foram afirmativas, já nas justificativas, a codificação permitiu a inferência de muitos códigos e, a partir deles, emergiram 6 categorias. O quadro a seguir demonstra exemplos das respostas coletadas.

Quadro 5. Agrupamento 5, referente à pergunta: Você acha que uma oficina de formação será importante na sua atuação como mediador? Justifique sua resposta.

Categorias	Nº Registros e Exemplos
Aperfeiçoamento do mediador	11 registros
	Creio que sim pois pode proporcionar um espaço de informação e crescimento que são relevantes e úteis para a prática da mediação. (S28)
Atuação em projeto de extensão	1 registro
	Sim. É a minha única forma de acesso a um projeto de extensão no momento. É através do NT que estou aprendendo. (S23)
Atuar como mediador	3 registros
	Sim, acredito que quanto mais preparados estivermos, melhor será a nossa atuação como mediadores do Projeto, possibilitando melhores experiências para os participantes. (S8)
Capacitação	12 registros
	Sim. A oficina de formação auxiliará os mediadores a saber como agir com os alunos, como orientá-los e como ouvir o que cada um tem a oferecer às oficinas. (S24)
Desenvolver habilidades e/ou potencialidades	2 registros
	Sim, para que eu desenvolva potencialidades e a capacidade para mediar os alunos de forma correta. (S29)
Proporcionar reflexão	1 registro
	Sim, pois já na primeira aula de capacitação me coloquei em reflexão em muitas coisas pautadas quais fazem muito sentido para que se torne uma pessoa, um cidadão e profissional melhor. (S14)

Fonte: Autoria própria.

As duas maiores categorias evidenciaram a importância de uma oficina de formação tanto o aperfeiçoamento quanto a capacitação dos mediadores. Para a grande maioria dos sujeitos, uma oficina de formação possibilitaria um espaço de discussão, crescimento e troca de informações úteis na prática da mediação, e poderia orientá-los em questões básicas, como agir ou orientar os alunos participantes.

Neste caso, as justificativas apresentadas pelos mediadores referentes à importância da formação se alinham com as funções do mediador, pois para elaborar e executar as atividades devem estar capacitados e aperfeiçoando-se a cada dia.

Agrupamento 6

Nesta última pergunta, após afirmarmos que faz parte do trabalho dos mediadores a elaboração de materiais didáticos para utilização no projeto, buscamos encontrar nas respostas o que os sujeitos julgavam importante considerar na elaboração do material utilizado no Projeto. A codificação possibilitou inferência de muitos códigos e, a partir deles, emergiram 9 categorias. Abaixo o quadro apresenta exemplos de respostas coletadas.

Quadro 6. Agrupamento 6, referente à pergunta: Faz parte do trabalho dos mediadores a elaboração de materiais didáticos para utilização no projeto. O que você julga importante levar em consideração na elaboração deste material?

Categorias	Nº Registros e Exemplos
Aspectos do sujeito/público-alvo	4 registros
	Idade do público-alvo, didática, saber ouvir, coerência com o conteúdo e efetividade na aquisição do conhecimento. (S5)
Aspectos conceituais	2 registros
	O conhecimento aprofundado sobre o tema do projeto, pois iremos passar esse conhecimento adiante, sendo importante o domínio do assunto. (S22)
Informações de edições passadas	2 registros
	A elaboração deste material didático deverá levar em consideração, as edições passadas ver os pontos positivos e negativos, trabalhar em melhorar alguns aspectos para que alguns erros não ocorra novamente, e pensar em como inovar nestes materiais, algo que atraia o público-alvo. (S2)
Aspectos metodológicos	14 registros
	Deve-se levar em consideração a dinamicidade das atividades, tornando-as mais atrativas. É necessário criatividade para que o projeto não se assemelhe a mesmice das salas de aula. (S1)
Aspectos metodológicos + conteúdo	1 registro
	Deve possuir uma linguagem acessível a todos os anos formacionais, deve também abranger os assuntos

		específicos de cada oficina de modo que permita a participação dos alunos de forma integral. (S18)
Aspectos metodológicos motivação	+	1 registro
		A idade dos alunos que estarão em cada oficina, a fim de desenvolver atividades que instiguem neles a vontade de aprender. (S24)
Aspectos pessoais metodológicos	+	1 registro
		Criatividade e a relação das series dos alunos, pois todos precisam entender de uma maneira simples e lúdica. (S16)
Aspectos pessoais metodológicos motivação	+	1 registro
		Primeiro seria pensar em algo coerente com cada tipo de aluno (se é adequado a idade dele, se ele vai ter uma boa base para entender como funciona, etc); fazer uma dinâmica que tenha relação com o conteúdo que quer ser passado, e por fim, fazer algo que seja divertido, que crie o interesse no aluno, e que ele possa participar ativamente da atividade. (S7)

Fonte: Autoria própria.

A grande maioria dos sujeitos consideram critérios metodológicos, como utilizar a linguagem adequada e acessível, atividades lúdicas, interativas, criativas, na elaboração de suas atividades, pensando em formas práticas e efetivas de ensinar, de facilitar a compreensão do conteúdo, adaptando ao nível escolar dos alunos participantes e se as atividades estão adequadas à proposta do projeto.

A partir dessa análise das percepções iniciais dos mediadores de um projeto de extensão é possível fazer algumas inferências: mediadores atuantes no Projeto Novos Talentos são motivados, principalmente, pelo crescimento profissional e pessoal proporcionado pelas atividades, pelas participações anteriores e pela possibilidade de transmitir os conhecimentos. Estes mediadores esperam participar da construção de conhecimentos, do compartilhamento de informações ensinando de forma lúdica e criativa. Para estes, mediação e as funções do mediador estão ligadas à auxiliar no processo de aprendizagem e, por fim, todas as inferências, por mais positivas que sejam em relação a visão dos mediadores, justificam a elaboração de uma oficina de formação para mediação. A hipótese aqui evidenciada pelos dados é a de que uma oficina de formação de monitores terá papel significativo para a formação dos sujeitos acerca do processo de mediação, possibilitando uma migração de uma visão apenas metodológica para a criação de um arcabouço teórico-metodológico. Consideramos que esta hipótese está, inicialmente, sustentada pelos dados que indicam que:

1) Os mediadores já apresentam predisposição para participarem do curso. O fato de participação prévia dos mediadores e o ambiente positivo e colaborativo para a construção das atividades motivam os mediadores a querer conhecer mais;

2) Os mediadores ainda apresentam pouco conhecimento teórico importante para a sua produção. O trabalho dos monitores feitos até o momento evidencia como apenas a prática não é suficiente para a consolidação de uma visão teórica da mediação;

3) Os mediadores apresentam motivação para uma formação que melhore as ações que permitirão a mediação e a aprendizagem dos participantes do curso.

Como relatado pelos mediadores, esta oficina faz-se necessária para aperfeiçoamento e capacitação dos mesmos, abordando aspectos referentes à compreensão do cenário em que estão inseridos, a educação não-formal, ao seu papel como mediadores nas atividades propostas, para que assim, possam contribuir efetivamente para a construção do conhecimento dos estudantes participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as percepções iniciais dos mediadores atuantes no Projeto Novos Talentos, referentes à mediação, ao seu papel e sua formação como mediador.

O referencial teórico utilizado é referente aos espaços não-formais, formação de mediadores, mediação e o uso da Teoria Fundamentada nos dados no percurso metodológico. Para a coleta de dados utilizou-se questionários eletrônicos, respondidos voluntariamente pelos sujeitos. A análise foi dividida em 6 agrupamentos, estabelecidos a priori, fundamentados nas questões contidas no questionário.

Todas as etapas de codificação permitiram inferências com objetivo de responder os questionamentos motivadores desta pesquisa: o que motivou estes mediadores a participarem do projeto? Quais suas impressões sobre mediação e sobre seu papel nas atividades?

A partir de toda essa análise, e esgotadas as possibilidades de codificação, das percepções iniciais dos mediadores de um projeto de extensão é possível fazer algumas inferências e elaborar a seguinte teoria a respeito dos mediadores: *Os mediadores analisados são motivados, principalmente, pelo crescimento profissional e pessoal proporcionado pelas atividades, pelas participações anteriores e pela possibilidade de transmitir os conhecimentos, esperam participar da construção de conhecimentos, do compartilhamento de informações ensinando de forma lúdica e criativa, acreditando que a mediação e suas funções estão ligadas à auxiliar no processo de aprendizagem.*

Partindo desta teoria, estas inferências, juntamente com a teoria substantiva, justificam a elaboração de uma oficina de formação para mediação, também relatada pelos mediadores como necessária para aperfeiçoamento e capacitação destes. Pesquisas como esta corroboram com a literatura, e também justificam a continuação desta pesquisa ainda observando aspectos da mediação e da formação de mediadores, confirmando a importância da elaboração de uma formação de mediadores voltada a conhecer as particularidades da função, das atividades e também voltada à elaboração de material didático adequado, centrado no aluno/visitante, a fim de, com sua prática, gerar mudanças e contribuir com os processos de aprendizagem dos alunos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Lucas Guimarães. **Um estudo sobre a formação de monitores em espaços de divulgação da Astronomia**. 2017. 228 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - Universidade Estadual Paulista, [S. l.], 2017.

BARROS, Lucas Guimarães; LANGHI, Rodolfo; MARANDINO, Martha. A investigação da prática de monitores em um observatório astronômico: subsídios para a formação. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, [S.L.], v. 40, n. 3, p. 1-15, 22 mar. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9126-rbef-2017-0319>.

- BIZERRA, Alessandra; MARANDINO, Martha. Formação de mediadores museais: contribuições da Teoria da Atividade. **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 1, p. 1-12, 2011.
- BRITO, Fatima. Experimentando a mediação: desafio constante. **JCOM**, v. 7, p. 4, 2008.
- CARLÉTTI, Chrystian; MASSARANI, Luisa. Mediadores de centros e museus de ciência: um estudo sobre quem são estes atores-chave na mediação entre a ciência e o público no Brasil. **Journal of Science Communication**, v. 14, n. 2, p. 1-17, 2015.
- CASSIANI, Silvia Helena De Bortoli, CALIRI, Maria Helena Larcher, PELÁ, Nilza Teresa Rotter. A teoria fundamentada nos dados como abordagem da pesquisa interpretativa. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online]. 1996, v. 4, n. 3
- CAZELLI, Sibeles. **Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?** 2005. 260 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Biológicas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Porto Alegre: Artmed; 2009.
- COSTA, Antonio Gomes da. Should explainers explain?. **Journal of Science Communication**, v. 4, n. 4, p. C03, 2005.
- DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma.Com: revista de Ciência da Informação e da Comunicação do CETAC**, n. 4, p. 1-34, jun. 2007
- FERREIRA, Thonson; BONFÁ, Miguel; LIBRELON, Rafaella; JACOBUSSE, Daniela; MARTINS, Silvia. Formação de monitores do museu de ciências da DICA: preparo além da prática. **XI Encontro de pesquisa em ensino de Física**, 2008.
- GLASER, Barney Galland. **Theoretical sensivity**. Mill Valley: Sociology Press, 1978
- GOMES, Isabel Lourenço. **Formação de Mediadores em Museus de Ciência**. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- GOMES, Isabel; CAZELLI, Sibeles. Formação de Mediadores em Museus de Ciência: Saberes e Práticas. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v.18, n.1, p.23-46, mar. 2016.
- GOULDING, Christina. **Grounded theory: a magical formula or a potential nightmare**. The Marketing Review. [S. l.], v. 2, n.1, p. 21- 34, 2001.
- JACOBUCCHI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Em Extensão**, Uberlândia, v.7, p. 55-66, 2008.
- KOERICH, Cintia; COPELLI, Fernanda Hannah da Silva; LANZONI, Gabriela Marcelino de Mello; MAGALHÃES, Aline Lima Pestana; ERDMANN, Alacoque Lorenzini. Grounded theory: evidencing divergences and contributions for nursing research. **Reme Revista Mineira de Enfermagem**, [S.L.], v. 22, p. 1-6, mar. 2018. GN1 Genesis Network. <http://dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20180014>.
- MASSARANI, Luísa. (Org). **Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de Ciência**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007. p. 56-67.

- MARANDINO, Martha. Museus de Ciências, Coleções e Educação: relações necessárias. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 01-12, jul/dez 2009.
- MATSUURA, Oscar. Teatro cósmico: mediação em planetários. In: MASSARANI, L. (Org). **Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de Ciência**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007, p. 76-80.
- MEIER, Marcos; GARCIA, Sandra. **Mediação da aprendizagem: contribuições de Feuerstein e de Vygotsky**, 2008.
- MOLON, Susana Ines. **A questão da subjetividade e da constituição do sujeito nas reflexões de Vygotsky**. 1995. 187 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.
- MOREIRA, Patrícia Luciana; DUPAS, Giselle. Significado de saúde e de doença na percepção da criança. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 11, p. 757-762, 2003.
- SILVA, Camila Silveira da; OLIVEIRA, Luiz Antonio Andrade de. Mediadores de Centros de Ciências e os seus papéis durante as visitas escolares. **Ensaio**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 47-64, maio 2011.
- SILVA, Camila Silveira da. **Formação e atuação de monitores de visitas escolares de um centro de ciências: saberes e prática reflexiva**. 2009. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2009.
- SILVA, Cirlande Cabral da; KALHIL, Josefina Barrera. A aprendizagem de genética à luz da Teoria Fundamentada: um ensaio preliminar. **Ciência & Educação (Bauru)**, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 125-140, mar. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1516-731320170010008>.
- STRAUSS, Anselm.; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. (Tradução Luciane de oliveira da Rocha). 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2008. 288p.
- STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures and Techniques**. 2 ed. Newbury Park : Sage 1998.
- VIGOTSKI, Lev. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 159 p, 1987.